

Vislumbre do real

Nadja Peregrino/Angela Magalhães
Curadoras e Pesquisadoras Associadas

Uma expressão construída sobre a realidade urbana. Está é a proposta de João Lobo, fotógrafo paraibano, que representa um mundo não figurativo, abstrato. Não que ele deixe de existir como vestígio de algo desencaixado de sua materialidade. Mas o que surge diante de nossos olhos é uma arquitetura que sai de sua moldura e se funde num caminho em direção a uma leitura fora do registro correto. Talvez possamos fazer, aqui, um paralelo entre Lobo e o Futurismo (1909) que desenvolve uma nova percepção dos objetos - o automóvel, o trem, o avião, a máquina - através do sentido moderno da velocidade e dinamismo. É só lembrar a representação pictórica 'Dinamismo de um Cão na Coleira' (1912) de Giacomo Balla, que enfatiza o movimento do corpo do animal no espaço, inspirando-se no efeito do preto e branco, também um traço marcante e distintivo das fotos de João Lobo. Plasticamente, as obras destes autores são intensificadas por várias linhas de força - simultaneidade, multidimensionalidade, sobreposição, interpenetração - ainda que produzidas em tempos distintos.

Se acrescentarmos a esta equação os títulos que Lobo atribui às imagens deste livro, fica clara a intenção do autor em desassociar o vínculo entre realidade e significado mediante uma ligação desconexa da palavra com o que vemos na foto. Alguns pontos de convergência, naturalmente, terminarão por surgir, quando lembramos que esta estratégia de Lobo se aproxima da anti-poesia de Fernando Pessoa, que se desvencilha dos signos para ultrapassar qualquer significado que damos ao mundo. Uma cadeira não é só uma cadeira. Suas faces são múltiplas na medida em que nos libertamos da visão literal das coisas. Assim, vemos aflorar uma vitalidade de sentidos: a esfera da objetividade penetra numa dimensão mais profunda.

Por fim, não podemos deixar de falar da associação da obra de Lobo com um tempo em contínua gestação. Nesse sentido, o obturador de sua câmara fica aberto por alguns segundos para que a cena possa ser capturada no instante seguinte. Trata-se de uma proposta que nos leva a distinguir diferença de tempo (Bergson), e também a compreender que os dois tempos - o anterior e posterior - podem coexistir, como contemporâneos um do outro, entrelaçados em suas fotografias.

Rio de Janeiro - RJ, maio de 2012